

## A HORA DO LOBO

**10 – A dor.** Ela não poderá nunca entrar. Roubaria o espaço de tudo o mais, sugaria o oxigénio de que ele precisa para tratar de assuntos, para tratar do filho. «As concentrações séricas analgésicas efetivas mínimas de fentanila em pacientes virgens de opióides variam de 0,3 a 1,5 ng/ml». Talvez tenha ficado a mirar o eco daquelas linhas dentro dos seus olhos. Por um bom bocado. Ouvindo depois restos das boas intenções do médico quando lhe entregara a receita: «Vai ter de gerir as doses consoante as dores; leia a bula com atenção.» Na mesa ao lado da cama articulada, ia crescendo um bairro de casas, ou talvez lojas, em cartão, decoradas com anúncios coloridos a moléculas de nomes exóticos. A rua bem iluminada dos anti-inflamatórios; o beco discreto dos analgésicos comuns; os arredores industriais, evitados pelos transeuntes sérios, onde apenas três armazéns atarracados e sombrios se erguiam, proclamando a sua sobriedade em marcas registadas a negro: *Durogesic<sup>®</sup> D-Trans*, *Glivec<sup>®</sup>* & *Kyprolis<sup>®</sup>*. Estas pequenas edificações tinham vindo a crescer, crescer, até ocuparem hectares do terreno reservado aos grandes prédios, caixinhas inflacionadas em tremendos volumes, capazes de ocultar os horizontes mais próximos. Também o pai fora «virgem de opióides» até se decidir a experimentar um dos adesivos transdérmicos, para examinar de perto a mecânica das posologias que lhe cabia «gerir», ou, nem ele sabia bem, para arriscar uma *overdose* à primeira toma – os 12 µg/h a nadar rumo ao seu cérebro

congelariam primeiro o encéfalo ou o coração, deixando-o atônito e consciente, pelo menos por alguns segundos? A diferença entre a *morte boa* e a agonia humilhada a vômito e hemorragias de urina. Não. Não seria por certo essa a sua forma de cortejar o suicídio; antes oferecer o pescoço a uma guilhotina alta de quilómetros, sem saber quantos minutos/meses o separariam da chegada da lâmina, vinda da estratosfera ou de mais além; sempre com o reconforto de poder escapar no último segundo, mal ouvisse o assobio do gume a patinar sobre corrediças bem oleadas. Ficaria no caminho da morte mas fantasiando ter tempo para se desviar; mesmo que entretanto continuasse a ignorar os silvos agudos de uma saúde sempre mais periclitante, recusando-se a reconhecer a urgência de palavras como «colesterol», «hipertensão» ou «trombos». Mas o *flirt* com os opiáceos fora maculado por um pesadelo a escorrer suor e talvez até gritos: vira o seu próprio corpo morto, córneas a enublar-se, uma encostada ao tapete da sala, enquanto soube que o filho, lá longe, no quarto, estava prestes a despertar para o horror sem remissão das engrenagens do sofrimento, empalando o seu corpo de novo sensível – e ficaria assim, sozinho. Agora, dias depois dessa viagem ao fim de tudo, acordara de um sono normal, liso como ele poderia imaginar que era um lago acabado de gelar, com a enfermeira a ligar-lhe, postada no largo à frente da casa, pálida e de mãos doridas pela aldraba ferrugenta e pelo Inverno sem dó. «Fentanila, fen-ta-ni-la», entouu, enquanto se alçava para fora da modorra, como que de uma piscina de melão, navegando pelas sílabas mornas em busca do encantamento, do ritmo da circum-navegação ao palato de Nabokov. Mas ali havia apenas frieza, uma língua a vaguear sem métrica, a ciência a querer ocultar a origem de tudo: a *algēsis*, a visita infundável, insofrível, da dor. Apenas isso. O resto, só restos de vidas, imagens, amores, abraços, sucedimentos que em dias idos teriam parecido mesmo importantes, tudo a esvair-se como a fentanila a dissipar-se, como nevoeiro, como sonhos nem bons nem maus. Restos de quê? Nada poderia restar, sob o peso daquelas dores.

**9 – Papa.** Decidiu há dias, mesmo sem nisso reflectir, que vai usar o rasto mortiço, a memória do adesivo analgésico, para se imunizar contra a própria ideia/experiência de dor; a do filho, a sua pela primeira, a que há-de vir pela mão das duas outras. Reduzida a conceito, a palavras numa bula, a dor é apenas um bicho que ronda por perto, a rosnar e a ameaçar dentes agudos, rasgões na carne – que nunca acontecerão, enquanto o pai mantiver o portão cerrado, o *drip* a pingar, a pingar. De volta ao quarto, ajuda a enfermeira a vestir um casaco, terceira camada de abafos com que vai desembarcar na vastidão lunar da ameaça de neve lá fora – deixou-a sair cedo, de volta à sua família com filhos vivos, antes que a polícia feche mais estradas. Ele quis assim; que a refeição ficasse a seu cargo. De novo prova a comida quase líquida, acrescenta-lhe uma colher de espessante e sopra o excesso imaginário de calor; o gesto ainda não lhe traz à memória o travo das papas de bebé que nunca deu a ninguém. Aguarda sentado na cadeira de verga com almofadas centenares, olhos na janela bombardeada por gotas de chuva indecisas entre estados. Em breve, a aberta programada nas nuvens químicas deixará que o miúdo regresse à superfície, apenas por pouco, apenas um pouco, o necessário para que a sua língua ajude o preparado com vago sabor a borrego a encaminhar-se para a traqueia constrangida. Receia que a criança possa abrir os olhos e fitá-lo. Prefere saber-se pressentido, não visto na sua flagrante impotência; saber-se ouvido apenas em murmúrios reconfortantes, histórias tépidas, juras de carinho-amor sussurradas entredentes – nada tem a dizer de seu, a nenhuma pergunta poderá responder sem se desmoronar numa ruína de ossos à mostra. Desvia a atenção para o canto onde uma nova racha despontou há semanas; a casa está a abrir-se como um ovo, desabrochando no lentor de uma flor senil, entre sonhos de uma Primavera já gasta há séculos. O quarto foi pintado com esmero e boas tintas; as marcas da humidade que empapa quase todas as paredes ainda têm, ali, de se contentar com uma vida subterrânea, alastrando com determinação e sigilo entre o granito e o estuque, por enquanto impedidas de chegar à luz,

à vida deles. Mesmo o ar por milagre incorrupto cheira a seres de Inverno, suspensos, não mortos. Debaixo das pálpebras, um repente de agitação. Vai acordar. O pai, já com o controlo na mão, reclina a cama e espera, de colher pronta. Não sem antes se deixar apanhar por um dos pensamentos-bichos que tenta manter presos num sótão distante: terá de vir a usar um biberão para o alimentar?

**8 – *Chemo fog.*** Mesmo com as explicações da enfermeira, ele só entende a operação dos analgésicos como nevoeiro viscoso, daquele onde alguém pode tentar afogar-se. Quando o seu efeito se atenua um pouco, o olhar do filho abre-se e vadia em redor do quarto, dos móveis, das imagens religiosas pintadas por uma bisavó, da inquietude do pai – como se renitente em abandonar um útero de conforto e sonhos bons. Ou a confusão do *chemo brain*, a disfunção cognitiva que a quimioterapia pode ter deixado como herança, para lá das batalhas perdidas – mais uma informação contraída por contágio HTML, resquício dos dias em que coligia estatísticas, rasgas de esperança, histórias de final vivo. Pouco depois da mudança para a serra, a criança quase deixara de falar, evitando a prostração que se seguia ao esforço de comunicar com um mundo tão longínquo. Ou intuindo que o pai não teria como retribuir o sacrifício, vivendo como vivia em paragens ainda menos permeáveis às palavras. Este lembrara-se, no entanto, de uma forma outra de cobrir o filho com um manto de sílabas moduladas por amor, intenção, vontade de tocar, proteger. Lê-lhe uma história: «Sim, o Lobo tinha um mestre. Não um *dono*, entenda-se; por muitos anos e aventuras que passassem juntos, aquele homem e aquele lobo nunca seriam dono e coisa possuída – o Lobo mantinha muita da sua natureza original e o homem era sábio demais para tal contrariar. Teria o predador sido recolhido ainda lobacho e adestrado até largar os mandamentos selvagens e crescer como guarda fiel? Ou começara a acompanhar o velho numa das suas viagens, aceitando de aqui e ali um pouco de comida, depois uma festa... acabando por seguir a caravana? Os servos contavam entre

si estas e outras histórias. Mas nunca perdiam nem o espanto nem o medo por viajarem em semelhante companhia.» Os lobos, a ideia de lobo, sempre tinham fascinado o miúdo. Isto desde que o pai lhe contara que crescera naquela casa, décadas antes, habituado a ouvir os uivos a descer da montanha, sacudidos e entrecortados pelo vento mas ainda capazes de arrastar os calafrios do convívio com segredos antigos e tão pouco humanos (talvez fossem apenas cães abandonados, a chorar a lonjura dos donos e a fome injusta). Hoje, as alcateias, mesmo escanzeladas e reduzidas a dois ou três bichos, vão avançando sobre aqueles campos; a cada hipoteca executada, a cada quinta que alguém na cidade herda, mais um palmo de terra fica ao dispor da infinita fome de espaço dos lobos. Em breve, far-se-ão de novo ouvir ali. E comerão os cães do vizinho e as raposas que por vezes reviram o lixo da aldeia. E as ovelhas que não se fecham à noite – aí outra guerra se abrirá, com feridas lavradas por gente. Melhor continuar preso aos lobos da fantasia; às palavras que enchem o ar, embalando a respiração escassa do filho. «Naqueles tempos, qualquer viagem era empresa arriscada. E esta não foi exceção: quando os homens desenrolavam os panos das tendas, uma horda de salteadores desceu sobre eles. Os guardas da caravana eram tão ferozes quanto os bandidos e contavam com a ajuda do Lobo. Mas, frente a tantos facínoras, acabaram por retirar, abandonando parte das bagagens e levando consigo o mestre.» O narrador estacou e pousou as folhas impressas havia pouco no colo; talvez o nevoeiro tenha então clareado a ponto de ele se lembrar de que não se lembrava de alguma vez ter lido uma história ao filho.

**7 – Escape.** Falanges de ciborgues disparam raios umas sobre as outras, iluminando o quarto com reflexos das suas piruetas ao arrempio das leis da física. Como num *cartoon* sobrepovoado por clones mutantes do Ben e do Jerry, a violência mais atroz nunca deixa de ser teatral e inofensiva: passados uns instantes de castigo pela inépcia, os mortos ressuscitam e remergulham na escaramuça.

O amigo do filho segura num dos comandos da consola sem grande empenho, sem parecer sequer usar os botões, antes com ar assombrado e quase receoso pela proximidade daquelas divindades letais, com a sua destreza impossível e as suas tácticas indecifráveis. Ele está no jogo mas não joga, boquiaberto e com o seu avatar encolhido a um canto, testemunhando chacinas, milagres e acrobacias – talvez nem compreenda bem as regras do combate ou careça da rapidez de reflexos precisa para nele sobreviver mais do que uns segundos. O seu sorriso ligeiramente prognata ilumina-lhe as feições imperfeitas de uma forma que o pai só consegue sentir como enternecedora. Sim, ele sente-se enternecido a cada visita deste jovem; e relembra histórias segredadas na aldeia sobre os crimes hediondos – incluindo o incesto, pecado antes ali tão vulgar e hoje em dia por todos abjurado – do pai do rapaz, há anos preso a uma daquelas sentenças que bom comportamento algum consegue encurtar. Todos os outros amigos do seu filho evitam a casa, agora que sabem o companheiro preso à porta de sítios escuros. Acabaram-se as corridas à meia-noite, os cigarros clandestinos acesos e apagados logo de seguida, os namoros medidos em dias. Talvez até murchem as gargalhadas e as brincadeiras quando passam entre o pelourinho e o solar, fazendo-o em furta-passo deferente e cobarde – antes respeitava-se o repouso dos senhores; agora, a presença da morte. Imagina até os outros pais a recomendarem aos filhos que evitem a casa onde se morre. Nunca se sabe se o azar é contagioso, se não basta mirar perto demais a face da desgraça para a tentar. Mas a este rapaz nem a neve intimida. Basta-lhe a companhia agora muda e menos exigente do seu amigo de Lisboa, o faulhar do televisor iluminado pelos superguerreiros, projectando as sombras dos seus combates sobre a cama articulada. E comungava por horas da sensação do pai: nada existe para lá dos vidros, nem tempo nem temporal. Os três poderão ficar para sempre ali, suspensos entre as luzes de um passado feliz e o negrume que, se eles se concentrarem com força, cegueira e teimosia, nunca chegará.

**6 – Telepresença.** «Ainda tens a minha fotografia ao pé dele? Na cabeceira? Sei que ele não pergunta por mim, não fala há dias e se calhar... mas diz-lhe que eu só não estou aí porque não me deixam sair do hospital. Agora é o problema do baço; fracturou-se no acidente; nem sabia que ele se podia partir. Órgão mole que se quebra só devia haver o coração. De que serve um baço escangalhado? Nem como adereço de melodrama. E ainda tenho mais uma cirurgia pelo menos, mas antes da Primavera poderei ir aí, diz o médico [...]. Até a minha mãe me mira de viés quando cá vem. Toda a gente tem a certeza de que atirei o carro contra o camião de propósito, olham para mim com esse saber a encher-lhes os olhares de sombras feias. Mas tu sabes que não; medricas como sou, arranjará outra forma, com menos sangue, menos dor e nada de órgãos partidos [...]. Sim, se tu o dizes, acredito. Quem diria que ainda ias acabar por ser o último a ter fé em mim. A acreditar que nunca deixaria o meu menino sozinho nesta altura. Claro que não, nunca me ouvirás dizer mal da tua ideia de o levares, não agora... Sei; ele era tão feliz aí, mesmo quando deixei de ir convosco. Mas vender tudo, a casa, largar o emprego? Que vais fazer à tua vida depois... Não se pode falar disto, não é? Pode dar... Esquece.» O pai ia alimentando a conversa com um pedaço de língua ligado a uma zona automática da sua consciência, um gerador de frases devidamente programado com um léxico capaz de o fazer parecer humano. Mesmo que tivesse vontade de embarcar num carrossel de diálogos inúteis, nunca saberia o que lhe dizer. A voz dela soava como a de uma avó que liga de uma aldeia remota e atrasada, linhas decrepitas a zoar dialectos de ruídos parasitas, berrando emoções e mensagens urgentes que, entretanto, já ninguém sabe como descodificar. Ela, embora ouriçada de parafusos de titânio e outras maquinarias da salvação, teimava no delírio de a vida ainda ser possível. De ainda estarem vivos. Ele lia com uma atenção também periférica as passagens da história que não acabara: «O Lobo ficou para trás, protegendo a fuga. Na confusão escura da refrega, ia distribuindo dentadas, aqui num braço, ali numa nádega. Aterrorizados por um inimigo que

não viam, os assaltantes acabaram também por partir, numa inútil perseguição a pé ao que restava da caravana. O Lobo, bom observador, reparou logo na desgraça: de um dos camelos caíra um saco de couro que pertencia ao mestre. Pior: ele dissera ao Lobo que ali seguia um valor importante, sem o qual toda a viagem perderia o sentido. Nada havia a pensar, apenas a fazer: o possante animal abocanhara as alças do saco e começou a arrastar o tesouro pela areia afora.» Tanta violência e cupidez; saudades das elisões piedosas de antigamente. Como acabaria aquilo? Mal, pela certa. «Não, não, também não aceito que me venham agora lembrar ausências tuas, os dias, meses sempre algures em trabalho, de aeroporto em aeroporto, quando eu me queixava de estar a criar o menino sozinha.» Aquilo tinha um nome interessante, não era?, alertou-o a parte mais curiosa do cérebro, de súbito acordada e atenta. «Apófase» – prometer não mencionar precisamente o que já se mencionou. Tempo de se despedir dela. Não precisava de mais espectros de simetrias a rodopiar-lhe pela alma, enormes flocos de neve, puros de uma beleza cristalográfica irreal que só serviria para o deixar ainda mais transido de frio. Sim, o universo girava sobre si mesmo, mostrando-se do avesso de quando em vez. Sim, ouvira horas antes um ancião cantar-lhe: «*Nous ne voyons jamais que l'envers des destinées, l'envers même de la nôtre.*» E então? Porque não poderia ele viver os dias finais fingindo que eram os do início de tudo?

**5 – Pele.** Agora sem ópera nem batalhas entre mutantes, a casa prepara-se para dormir. Como que flecte músculos algures sob o soa-lho e acima deles, no sótão: um estalido, a correria de um rato, vigas que rangem ao perder o pouco calor do dia, um aquecedor que dilata em esforço, térmites a mastigar madeiras exóticas. Tudo se ouve melhor na hora do lobo, a hora em que mais se nasce e morre. O ruído de fundo, como o do universo, deixa-se escutar quando o resto se cala; como o silvo rítmico do colchão antiescaras, «composto por dois circuitos de ar que enchem as células de forma alternada, impedindo que as diferentes zonas do corpo



fiquem demasiado tempo pressionadas contra a cama». Alugado, como a cama. Tudo a prazo incerto mas breve, a aguardar a chegada da carrinha da loja, para que tudo seja sacudido, lavado e posto de novo a circular, sob novas agonias que por agora ainda dormem, ainda escondidas em pequenas nódoas em tomografias, ainda pequenas demais para causarem alarme. O ar que corre nas veias pneumáticas do colchão parece segredar-lhe algo como «vive e vivifica». Agora, a cama ronrona, a mudar de ciclo, movendo o corpo da criança com a suavidade das mãos de uma mãe automática. A enfermeira quer sempre evitar a palavra feia, de cheiro e som desagradáveis; as escaras passam a úlceras de pressão, ou de decúbito. Mas elas continuam, mesmo de nome domado, a querer morder ancas, cóccix, joelhos, calcanhares, costas, omoplatas e nuca. O pai sabe dos quatro estágios que cada úlcera almeja ultrapassar: do eritema à perda total da espessura dos tecidos, quando músculos e tendões se deixam ver através de uma janela translúcida de tecido necrótico. «Necrótico» é a palavra «morto» depois de desinfectada (há outras palavras, como «desbridar», que são irreduzíveis). O pai imagina os ossos a querer fugir da sua mortalha de pele, esfregando-se contra ela, esgarçando-a em busca de ar, de fuga do sonho em que também vivem. O pai não quer imaginar mais nada.

**4 – Farmacopeia.** Ele decidira havia muito desligar-se do seu filho enquanto capítulo das suas recordações: escondera as fotos, não voltara a entrar no seu quarto, tentava pensar naquele corpo como mais uma das divisões da casa: alagado de bolores, património magnífico que ele devia proteger, salvar, mas sem perder o pé nas marés venenosas dos sentimentos, da memória. Também por isso tremia sempre que os olhos do filho relampejavam sob as pálpebras, anunciando a chegada do mergulhador à tona, para respirar e depois volver às profundezas. Já mal guardava coragem para relembrar a última conversa que tivera com ele, coragem para não se desfazer em uivos e ânsias de morte. Centrava-se, portanto, em protocolos

de medicação, horários estritos, bulas com descrições de moléculas sintéticas; e em manter o cheiro da peste fora do quarto, abrindo portas, trazendo flores, cuidando de manter o desumidificador a zumbir. Sem nunca esquecer a sua própria medicação: *whiskies* e *cognacs* – recordação irónica: anos atrás, após um acidente ridículo, um anestesiológista ministrara-lhe o que chamara «um *shot* de anestesia geral»; sem o adormecer, apenas o necessário para recolocar uma articulação no sítio, evitando berros e contracções medricas. Agora, limita-se a replicar a terapia; e cambaleando se mantém dias a fio de pé sobre o gume, sem feridas desairosas e sem cair. Após pousar com cuidado o copo de balão, pega nas folhas e retoma a leitura: «Guiado pela bússola do instinto, galgou dunas e penedos, evitando as cidades, bebendo e comendo onde podia, sem nunca largar de vista o saco. Sabia que iria ver o mestre de novo. E aconteceu; ao chegar a um monte, ouviu uma língua e vozes familiares, vindas do outro lado: estava ali a comitiva de que se separara. Quase em trote feliz, o Lobo aprestou-se para cumprir os últimos metros antes da alegria. Era de noite, mas abundava uma claridade forte e quente. Assim foi que ele viu o cão, ainda bem longe. Sem medo, aproximou-se.» O pai já cicia o texto, canta-o na toada de uma melodia de embalar. Lá fora, depois das janelas em guilhotina e das gelosias a precisar de pintura, soa um latido, próximo o bastante para se sobrepor ao troar do vento e da neve que ainda não é bem neve. Também não é bem um latido, mas sim algo mais roufenho e primitivo. Ele corre até à sala do lado e encosta-se à janela; ainda a tempo de julgar ver uma massa ágil a esgueirar-se pelo lameiro, rumo às oliveiras, um volume de torpedo sulcando a sua rota imperturbada através do branco escuro do nevoeiro.

**3 – Sobrevida.** O pai coloca os últimos adesivos, nos dois braços, numa perna. Sente a pele do filho lisa, isenta das máculas do crescimento. Ainda noutra vida, ao aconchegar o seu filho já adormecido, sobressaltara-se com o estranho toque de uma coxa de repente áspera de pêlos. E as borbulhas a despontar, a voz funda modulada

pela maçã-de-adão prematura. Sinais do tal «tempo que passa depressa demais», diziam-lhe. Depois, antes, agora, a pele reprimada pela *alopecia universalis*, a própria voz devolvida à ausência de palavras. Algumas das últimas surgiram há semanas, quando de novo o filho quis perguntar-lhe o que há do lado de lá da vida. E se voltariam a estar juntos, nesse sítio sem nome. Efeitos secundários do conforto hipócrita que a mãe, mesmo descrente, lhe tinha rezado ao ouvido, em imitação do «*kai eipen autw ambn soi legw shmeron met emou esh en tw paradeisw*». O pai pouco tem para oferecer em forma de lenitivo: o nada que havia antes de cada nascimento é igual ao nada que sobrevém à morte. Se não receamos o primeiro, devemos ver o segundo como seu igual – neles sentimos as mesmas dores, as mesmas alegrias: nenhuma. De novo a flecha do tempo, indiferente ao sentido do seu curso, sempre apontada ao coração. O pai prepara-se para a última/primeira mudança de fraldas.

**2 – Quase.** Lentamente, um comprimido com cada golo de *cognac*. A premência da doença do filho fora a armadura do pai. Sem ela, todas as crostas seriam arrancadas às suas feridas, deixando-o em carne viva, sem propósito nem alma. Sozinho num mundo onde não poderia respirar por uma vez que fosse. O arremedo de nevão aquietou-se, deixando perceber melhor o uivo – em desafio? – da coisa lá fora. Uma frase ainda lhe passa pela atenção embotada, vinda não sabe de onde: «O meu pai adormeceu pouco antes de eu morrer.»

**1 – Fim.** «– Amigo cão, não receies, que venho em paz. – Já estávamos longe dos dias das fábulas, quando as pessoas dialogavam com os animais. Mas estes ainda se entendiam uns aos outros; sobretudo entre parentes chegados, como era o caso.

– Não. Eu conheço bem as manhas dos lobos. Há anos que guardo o rebanho do meu dono e já tive de expulsar muitos de vós.  
– O Lobo reparou na grossa coleira de ferro com bicos no pescoço

do mastim. – Mas tu estás bem alimentado, com pêlo bonito; não te pareces com os lobos daqui...

– Repara – retorquiu o Lobo –, esta noite tem algo de especial: tanta luz, mesmo sem Lua. Não quero lutar numa noite assim. Escolta-me então até ao meu mestre, por um caminho que passe longe das tuas ovelhas.

O cão pensou naquele estranho lobo, vindo de tão longe, não para roubar borregos, mas para ofertar um qualquer tesouro num saco. Acabou por aceder. E lá seguiram eles, orelhas ainda baixas, meio desconfiadas, rumo à luz e aos homens.

Foi assim que o ouro chegou a tempo de ser oferecido ao Menino que acabara de nascer.»

---

O título foi roubado a Ingmar Bergman. A ópera mencionada é o *Pelléas et Mélisande*, de Claude Debussy; as palavras são de Maurice Maeterlinck. Já a citação bíblica corresponde à tão discutida promessa de Cristo em Lucas 23:43.